

Um Mundo Só

J. Roberto Whitaker Penteadó

Não há perigo de o mundo acabar hoje, pois já é amanhã, na Austrália. - Charles M. Schulz

Eu era garoto quando notei, entre os livros de papai, um com este título. Parecia-me meio absurdo, pois – na imaginação de criança – não me parecia haver, mesmo, mais de um. Dizia-me, então, JR Sênior, que era algo que eu deveria ler, quando crescesse...

Boa parte dos brasileiros instruídos, que viveram na segunda metade do século passado, foi influenciada por este livro. Editado nos EUA em 1943, foi quase imediatamente traduzido por Monteiro Lobato, e lançado no Brasil por sua Cia. Editora Nacional como 1º volume de uma coleção chamada Guerra e Paz. Um Mundo Só foi a tradução de One World e o seu autor, Wendell L. Willkie, um político republicano que quase derrotou Roosevelt nas eleições de 1940 e acabou se tornando seu aliado, a partir de 1941, tendo participado – com a mulher de FDR, Eleanor – da fundação da Freedom House, que existe até hoje.

Talvez pela primeira vez na história alguém tenha usado a expressão para designar não um planeta dominado por um estado nacional - arvorado em império -, basicamente pela força das armas ou da riqueza material, mas a idéia de uma comunidade igualitária de nações. Para escrever seu livro, Willkie fez – em 1942 - a volta ao mundo (em um bombardeiro quadrimotor marca Consolidated, convertido em transporte comum). E escreveu: a impressão líquida dessa viagem não foi uma impressão de distância a separar os povos, e sim da proximidade em que se acham. (...) o mundo se tornou pequeno e por completo interdependente. (...) Daqui por diante temos de pensar em escala mundial.

Como homem do seu tempo – apesar da presciência - Willkie via a viabilização do seu mundo único pela ótica de uma nova Pax Americana, em que seu país desempenharia o papel central: Depois da guerra atual os Estados Unidos têm de escolher um destes três caminhos: 1º) o do estreito nacionalismo, conducente no fim à perda da nossa própria liberdade; 2º) o do imperialismo internacional, com o sacrifício da liberdade de outras nações; 3º) o da criação dum mundo em que haja igualdade de oportunidades para todas as raças e nações. Estou convencido de que o povo americano vai escolher, por esmagadora maioria, o terceiro caminho.

A história recente revelou o quanto havia de desejo e pouco de real profecia naquela proposta para Um Mundo Só. Como nação-líder, no mundo contemporâneo, durante mais de meio século, nosso “grande irmão” do Norte oscilou apenas entre os dois primeiros caminhos, tendo-se aproximado do terceiro apenas pelo discurso. Outras lideranças mundiais, como a Comunidade Européia, também se mantiveram distante daquele ideal.

Em função dos eventos recentes, denominados – ainda – de “crise” internacional (talvez na falta de melhor avaliação) haveria, hoje, condições propícias a uma nova utopia? Este foi o tema escolhido para a nossa Revista da ESPM deste próximo bimestre. Se quiser um exemplar, mande-me um e-mail, com seu endereço.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?ID=526>>. **Acesso em:** 22 jul. 2009.